
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

TABU E AMOR: A AFETIVIDADE MASCULINA EM “VIAGEM DE NÚPCIAS” DE RUBEM FONSECA

Rafael Magno de Paula Costa¹ (UNESPAR)

RESUMO: O presente artigo desenvolve uma análise do conto “Viagem de núpcias”, de Rubem Fonseca. Esse estudo discute a questão do tabu, considerando que o protagonista, embora seja um sujeito que acumula experiências sexuais ocasionais, não consegue se relacionar sexualmente com sua esposa em razão do excessivo respeito e idealização que tinha por ela. Neste ponto, abordam-se também questões da teoria das masculinidades no sentido de verificar em que medida esse tabu afeta a sexualidade do sujeito. A temática amorosa, nesse aspecto, é trazida dentro de uma perspectiva contrastante aos amores fugazes e acumulativos, considerando que essas práticas de curto prazo se tornaram o paradigma predominante na sociedade contemporânea. Em última análise, demonstra-se como os relacionamentos de curto prazo e acumulativos não necessariamente representam ou comprovam uma capacidade para o desenvolvimento da sexualidade vinculada ao campo amoroso e afetivo, mas apenas experiências fortuitas.

PALAVRAS-CHAVE: amor; masculinidades; tabu; contos brasileiros.

TABOO AND LOVE: THE MALE AFFECTIVITY IN “VIAGEM DE NÚPCIAS” BY RUBEM FONSECA

ABSTRACT: This article develops an analysis about “Viagem de núpcias”, a Rubem Fonseca’s short stories. In the analysis, the taboo issue is discussed, considering that main character can’t get sexual intercourse with his wife, due to excessive respect he had for her, although he is a man that accumulates several sexual experiences. At this point, we also approach about men’s studies investigating to what extent this taboo affects subject’s sexuality. The loving theme is thought in a contrasting perspective to fleeting and cumulative relationships, becoming the predominant paradigm in contemporary society. Finally, this way of relationships doesn’t prove the competence about a sexuality linked to loving and affective scopes, but just fortuitous experiences.

KEYWORDS: love; masculinities; taboo; Brazilian short stories.

Recebido em 23 de fevereiro de 2021. Aprovado em 25 de junho de 2021.

¹ rafaelpc82@hotmail.com - <http://lattes.cnpq.br/5719819132880901>

O conto “Viagem de núpcias”, publicado em 1997 na coletânea intitulada *Histórias de amor*, de Rubem Fonseca, narra em terceira pessoa a relação amorosa entre o casal Maurício e Adriana. O casamento, no início do conto, traz algumas situações problemáticas que são superadas quando o casal viaja para comemorar as bodas. Os personagens são construídos estereotipados em suas respectivas masculinidade e feminilidade. Maurício é apresentado como um personagem que, apesar de uma gama considerável de experiências sexuais, apresenta alguns tabus que o impedem de obter relação sexual satisfatória com sua esposa, Adriana.

O narrador apresenta o casal como próximos desde a infância. As famílias eram amigas e almejavam que os dois um dia se unissem em laços matrimoniais: “Quando cresceram, faziam excursões pelo Brasil. Para desgosto das duas famílias, que gostariam que os dois se casassem, Adriana estava apaixonada por Maurício, mas ele a amava candidamente, como se ela fosse sua irmã” (Fonseca 2004: 631). Maurício tinha 25 anos e era economista e trabalhava na corretora de seu pai. Já Adriana tinha 20 anos e era acadêmica de filosofia. A virgindade para a personagem era um assunto da mais alta relevância: “Adriana era virgem – a virgindade estava na moda –, porém Maurício tinha uma vida sexual agitada, para um corretor da Bolsa, e era proprietário de um apartamento na cidade, onde realizava seus encontros galantes” (Fonseca 2004: 631).

A expressão “a virgindade estava na moda” indica possivelmente uma época em que determinados tabus sexuais se faziam presentes de modo mais incisivo. Não é possível, entretanto, determinar exatamente que época seria essa. O que se depreende disso é que Adriana é construída ficcionalmente como uma moça recatada e comedida, demonstrando um comportamento que, de alguma maneira, interfere no seu relacionamento com Maurício: “Adriana estava apaixonada por Maurício, mas ele a amava candidamente, como se ela fosse uma irmã” (Fonseca 2004: 631). A imagem de Adriana para Maurício é comparada à de uma irmã e, com isso, o narrador indica que possivelmente ele não a desejava sexualmente. O amor cândido se apresenta como um amor controlado ou possivelmente um amor em que as volúpias não estão presentes. Apesar disso, o casal decide assumir um noivado:

Um dia, não se sabe bem o que causou essa reviravolta, os dois informaram que estavam noivos e iam se casar dentro de seis meses. Era fácil entender a motivação da apaixonada Adriana; quanto a Maurício, aquela inesperada decisão talvez resultasse do fato de ele acreditar no que lhe diziam, que cedo ou tarde um homem tem que se casar, e de ele ter certeza de que jamais iria encontrar outra mulher tão decente e digna como Adriana para ser sua esposa. (Fonseca 2004: 632)

Desse modo, Adriana assume a relação motivada pelo amor que já sentia por Maurício. Por outro lado, o rapaz somente assume o relacionamento em virtude de cobranças sociais como, por exemplo, “um homem tem que se casar”, do contrário não seria considerado “homem”. O casamento emerge no texto indicando a importância dessa instituição para a sociedade. O critério de escolha da noiva por parte de Maurício

cio se configura a partir da imagem discriminatória entre mulheres consideradas “decentes” ou contrárias a esse modelo. Isso demonstra como esse imaginário pertence ao simulacro do personagem. Ele escolhe Adriana partindo do princípio de que ela era “mulher para casar”, ou seja, excluindo, assim, outras mulheres que não se enquadram nesse perfil. Conseqüentemente, o conto põe em evidência determinadas formas de preconceito masculino: “Afinal ele sabia, por experiência própria, como as mulheres eram depravadas e cínicas” (Fonseca 2004: 632).

O conto mostra, ainda, como Maurício é construído como alguém que possui uma ampla gama de experiências sexuais. Seu preconceito, no entanto, se pauta na concepção machista de que, aos homens, é natural ter muitas experiências com diferentes mulheres. Já para as mulheres, isso pode ser um problema, considerando que o personagem, pelo discurso indireto do narrador, qualifica-as como “depravadas e cínicas”. Ele aceita se relacionar casualmente com essas mulheres, porém para um relacionamento estável não. De alguma maneira, essa forma de preconceito, a julgar pela classe social de Maurício e Adriana, pode ser algo muito presente em diferentes esferas, em especial nas elites econômicas, como aponta o texto:

As duas tradicionais famílias ficaram muito felizes com a notícia do noivado, havia sempre o receio de que um dia Maurício e Adriana viessem a se interessar por outras pessoas que não fossem do mesmo mundo social e cultural, quem sabe um astuto caçador de dotes ou uma dessas rastaquêras deslumbradas que freqüentavam as colunas sociais. (Fonseca 2004: 632)

O preconceito de classes sociais é demonstrado pelo narrador que, dessa vez, localiza-o além do pensamento de Maurício, ou seja, proveniente das esferas familiares. Por conseguinte, Maurício, mesmo sendo noivo de Adriana, continuou vivendo suas aventuras ocasionais e sem compromisso:

Nos meses que antecederam o casamento o apartamento de Maurício na cidade funcionou quase todas as noites. As mulheres provinham de várias fontes, algumas delas ele já conhecia, outras não; algumas tinham uma profissão, outras eram estudantes, outras não faziam coisa alguma, o certo é que nada lhe pediam, dinheiro nem brindes, e se Maurício às vezes dava carros ou joias caras a algumas delas, isso era feito por iniciativa dele. (Fonseca 2004: 632)

Os relacionamentos rápidos e fugazes são evidenciados como rotineiros na vida de Maurício. Essa maneira de entender ou julgar as mulheres, por parte de Maurício, pode estar atrelada ao seu poder econômico. Do mesmo modo que compra um relacionamento sexual como se fosse um produto, ele automaticamente descarta isso como algo sem valor. A satisfação momentânea é o que dita a tônica desses relacionamentos para ele. Ao dar dinheiro, brindes, carros, joias, etc., mesmo sem as mulheres com as quais saía pedirem, Maurício entende que está pagando, de algum modo, por esse serviço. Não se trata de generosidade, pois para o personagem o que estava

em jogo era o modo como ele considerava essas mulheres, isto é, como “depravadas e cínicas”.

Maurício é, portanto, constituído a partir do arquétipo do conquistador, porém que separa as mulheres preconceituosamente em uma dupla categorização: respeitáveis ou depravadas. Esse comportamento masculino de Maurício é perfeitamente explicável a partir de Giddens. O sociólogo inglês explica como os homens do século XIX estabeleciam uma distinção entre as noções de amor romântico e amor paixão. Para os homens, essas duas figurações do amor seriam diferentes. Enquanto no amor romântico os homens associavam o amor à esposa e ao lar, no amor paixão associavam o amor à amante ou à prostituta: “Para os homens, as tensões entre o amor romântico e o *amour passion* eram tratadas separando-se o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta” (Giddens 1993: 54).

Esse padrão duplo, durante muito tempo, fez com que os homens entendessem o amor romântico como uma espécie de amor casto ou respeitável. O problema, no caso de Maurício, é que essa separação dissocia o amor da sexualidade, gerando um problema na relação conjugal. A sexualidade de Adriana, embora seja desenhada em alguns momentos dentro de um comportamento sexualmente comedido, não realiza essa dissociação, de modo que amor e sexo são componentes que se integram.

Maurício é representado como um sujeito habituado às constantes experiências sexuais. Os “garanhões”, assim como Maurício, de acordo com Giddens, caracterizam-se como mestres na retórica de amar, mas são impotentes em lidar com a dinâmica relacional pós-sexo e, além disso: “são incapazes de produzir a partir dele uma narrativa emocionalmente coerente do eu” (Giddens 1993: 98). De acordo com as reflexões de Giddens, as experiências desses garanhões são frequentemente carregadas de uma dependência pelas mulheres, mas num sentido classificado pelo sociólogo como negativo. Maurício depende delas para se colocar numa posição de superioridade e não numa relação de parceria.

À medida que o jovem economista procura por experiências sexuais acumulativas, ele obtém sexo fácil dessas mulheres, porém as abandona. Essas relações não têm sequência ou aprofundamento, mesmo que se desenvolvessem apenas como amizade. Embora não haja resistência por parte das mulheres com as quais obteve relações, Maurício demonstra certa incapacidade ou incompetência para amá-las continuamente. Ele separa, assim, a sexualidade da intimidade, constituindo sua identidade masculina a partir dessa distinção:

O aventureiro sexual moderno tem rejeitado o amor romântico, ou utiliza a sua linguagem apenas como retórica de persuasão. Por isso, a sua dependência das mulheres só pode ser validada através de mecanismos da conquista sexual. Seria possível argumentar-se que, mais que os outros homens, o garanhão distingue a ligação entre sexualidade, a intimidade e a construção reflexiva da auto-identidade; mas ele é mais escravo das mulheres do que competente a encará-las como seres independentes capazes de dar e aceitar amor. O garanhão aparece como uma figura que “as ama e as deixa”. Na verdade ele é

absolutamente incapaz de “deixá-las”: cada abandono é apenas um prelúdio de outro encontro.(Giddens 1993:98)

A construção da narrativa demonstra, portanto, uma imagem masculina, em princípio, negativa. Porém, o conto muda de proposta com o casamento de Maurício e Adriana e sua viagem de núpcias. Nela, um personagem um pouco diferente é apresentado, em seus tabus, medos e inseguranças. A viagem de núpcias, prevista para ocorrer em Paris logo após o casamento, é adiada. Porém, na mesma noite após a cerimônia, Maurício passa por uma experiência traumática com sua parceira: “Ela estava deitada imóvel na cama e a luz indireta que vinha da sala revelava a delicada nuance alabastrina do corpo de Adriana, o tufo alto de pelos louros no delta das pernas. Maurício contemplava pela primeira vez a nudez completa da mulher amada. Sentiu uma onda de carinho e desviou os olhos” (Fonseca 2004: 633).

Essa “onda de carinho” e a ação de Maurício ao desviar os olhos se deve pela maneira como percebe Adriana. O excesso de pudor e recato da moça não o excita ao ponto de desejá-la, embora seu corpo seja descrito como belo. De algum modo, Maurício dissocia o carinho do exercício da sexualidade, dispondo desses elementos de maneira separada. O narrador onisciente descreve os pensamentos do personagem antes de se deitar com Adriana: “No quarto tirou a roupa lentamente e pensou em Ludmila, uma das parceiras preferidas das suas noites lúbricas no apartamento da cidade” (Fonseca 2004: 633). Assim, o rapaz precisa pensar em outra mulher para conseguir sentir o mínimo de atração pela esposa. O bloqueio psicológico e a impotência sexual são problemas que Maurício precisará resolver. Na sequência, o narrador descreve a primeira vez de Adriana como uma relação sexualmente ritualizada:

“Deita meu bem”, ele disse. “Apaga a luz”, pediu Adriana. Maurício apagou a luz. (...) beijou os bicos enrijecidos do peito dela, depois os lábios e o pescoço. Adriana deu um suspiro de langor e medo. Maurício também suspirou, porque o seu pênis permanecia flácido. Afagou os seios de Adriana, desceu a mão e acariciou as suas pernas que se entreabriram um pouco, tocou os lábios absconsos que se ofereciam úmidos a ele. Novamente pensou ansioso em Ludmila e então seu pênis afinal endureceu e ele deitou-se apressado sobre Adriana, separando abruptamente as suas pernas, temendo que a ereção cessasse. (Fonseca 2004: 633)

Mesmo para um sujeito sexualmente experiente como Maurício, a relação com Adriana se apresenta tensa e problemática. Para que consiga uma ereção, ele pensa em Ludmila novamente para conseguir desvirginar sua esposa. A falta de atração somada a determinados ritos, tal como “apagar a luz”, deixam Maurício tenso e inseguro, com receio em falhar. Essa autocobrança se deve ao que Sócrates Nolasco denomina como “homem máquina”, ou seja, é preciso provar constantemente a virilidade, do contrário o sujeito entra em crise: “Como afirma Sócrates Nolasco (1995), as características socialmente prescritas para o papel masculino exigem que “um ho-

mem de verdade” seja viril, conquistador e competitivo sexualmente” (Goldenberg 2000: 31).

O afeto e carinho que sente por Adriana, por exemplo, para ele, são fatores que contribuem para que não sinta desejo por ela. Além disso, é preciso pontuar que ele nunca havia estabelecido relações com uma virgem: “jamais havia deflorado uma mulher” (Fonseca 2004: 633). Consequentemente a essa sensação de insegurança, o ato sexual se consuma com violência: “Adriana disse que ele a estava machucando, pediu que parasse, mas Maurício sabia que se não prosseguisse sem trégua seu pênis perderia enrijecimento e não endureceria mais naquela noite. E assim investiu com rapidez e brutalidade, sem se importar com os gritos de dor de Adriana” (Fonseca 2004: 633-634).

A atitude de Maurício se caracteriza por um egoísmo excessivo em razão de pensar somente em manter a ereção e não em proporcionar prazer a sua parceira durante a relação. Sua preocupação única foi não falhar como “homem”, sem se importar com o sofrimento de Adriana. Contrastando com isso, essa atitude não causa prazer em Maurício, e Adriana percebe isso: ““Eu machuquei você, meu amor?” (...) Adriana, percebendo o tom angustiado da voz dele, respondeu, ‘não, meu bem”” (Fonseca 2004: 634). A sensação de mal-estar por parte de Maurício se deve à autocobrança, isto é, a necessidade de consumir a relação e com isso provar sua potência viril. O sentimento de angústia de Maurício é um indicativo da sua sensibilidade ao perceber negativamente sua atitude. Esse detalhe aponta para uma transformação importante no que concerne ao seu espectro de masculinidade. Se antes ele pautava suas ações numa indiferença perante às mulheres, agora ele se importa com Adriana.

Maurício se apega a essa noção do homem que não pode falhar no momento em que sua virilidade é requerida, tentando esconder sua insegurança. Após a primeira relação com Adriana, ele decide não ter mais relações: “Maurício disse que seria melhor para ela que não fizessem mais nada naquela noite. Nem fizeram mais nada no dia seguinte” (Fonseca 2004: 634). A relação entre o casal começa a se desgastar antes mesmo da convivência. Doravante, o casal desiste de passar a comemoração em Paris, pois: “as cidades do mundo são concêntricas, isomórficas, sincrônicas, só existe uma e você está sempre na mesma; não tinha sentido sair de São Paulo e ir para outra cidade grande” (Fonseca 2004: 634). Então decidem fazer um *rafting* no rio Colorado, nos Estados Unidos.

Durante a viagem, Maurício dá alguns sinais de bloqueios psicológicos, tal como fazer necessidades fisiológicas em locais desconhecidos: ““Você quer perguntar onde são feitas as necessidades fisiológicas, não é isso?”, disse Adriana, que conhecia Maurício havia tempo bastante para conhecer seus tabus” (Fonseca 2004: 635). O perfil de Maurício se delinea a partir de complexos psicológicos que se relacionam a sua reação inesperada durante o primeiro ato sexual com Adriana. Outro tabu é o de não tomar banho juntos: “Foram para o quarto e tomaram banho de chuveiro, um depois do outro. Eles nunca entravam no banheiro juntos, em seu apartamento novo em São Paulo cada um tinha banheiro próprio” (Fonseca 2004: 637).

O relacionamento entre os dois se demonstra, a partir disso, cercado por restrições e bloqueios de natureza pessoal. A divisão de espaços e a ritualização do sexo conferem uma automatização das ações, como se cada elemento precisasse cumprir uma determinada função. Não obstante, tais bloqueios psicológicos contribuem para o insucesso de uma relação sexual e amorosa saudável. Isso evidencia um desconhecimento do casal sobre a sua sexualidade. Sobre isso, Mara Barasch afirma:

A falta de informação, grande mal que atinge homens e mulheres, perdura e transcende a disponibilidade para o amor. A desinformação faz parte do cotidiano de todas as camadas sociais. Inclui desde a ignorância da sexualidade do sexo oposto e do próprio, de maneira geral, até a ignorância dos sentimentos próprios e alheios, o que gera falta de comunicação e dificulta o conhecimento do potencial erótico dos parceiros. Isso pode dar origem à *inadequação sexual* entre casais, ou dificultar o entendimento de situações normais (Barasch 1997: 101).

O casal cria padrões comportamentais que, ao invés de contribuírem para um desenvolvimento de uma sexualidade sadia dentro da relação amorosa, inibem ainda mais os parceiros, surgindo assim a inadequação sexual. Apesar disso, Adriana e Maurício tentam mais uma vez ter relações num motel em Moab:

Adriana deitou-se na cama ainda enrolada na toalha. Maurício deitou-se nu ao lado dela. Beijou e acariciou o corpo de Adriana. Nervoso, sentiu o suor umedecer-lhe o corpo. Como é que ele não conseguia se excitar com Adriana, uma pessoa que adorava e que possuía um corpo e um rosto mais bonitos do que os de qualquer outra mulher que conhecesse? Assim que conseguiu uma ereção, pulou sobre Adriana e, ansioso, introduziu apressadamente o pênis na vagina dela. Não demorou para que Adriana tivesse um orgasmo suave, o que a fazia suspirar delicadamente e relaxar os músculos do corpo. Depois, Adriana dormiu. Maurício, porém, com a mente perturbada, não conseguira fazer amor com Adriana (Fonseca 2004: 638).

O personagem é constantemente oprimido por seus pensamentos de autocobrança. O narrador lança mão do discurso indireto livre para criar em Maurício reflexões que questionam sua sensação de fracasso. Como pontua Mara Barasch, o personagem não entende como não conseguia se excitar com Adriana, demonstrando ignorância sobre si mesmo e também sobre sua parceira. A pressa com que realiza o ato sexual também evidencia o que a psicóloga denomina por “inadequação sexual”, visto que Maurício não está em momento algum preocupado com o ritmo sexual de Adriana. A consequência disso é um medo constante em cair na disfunção erétil: “Embora a inadequação sexual por si só não possa ser comparada com uma disfunção, é bastante comum que esta desencadeie tanto no homem quanto na mulher depois de ambos arrastarem uma vivência sexual ruim durante anos” (Barasch 1997: 102). Por conseguinte, já no Colorado, Maurício se distancia cada vez mais de Adriana, fugindo das circunstâncias que poderiam proporcionar uma atividade sexual:

Adriana levantou a cobertura da barraca e enfiou o rosto para fora.
“Você não vai entrar? (...)”
“Daqui a pouco eu vou”, respondeu Maurício.
Mas ele ainda ficou um longo tempo olhando o céu. Só queria entrar quando Adriana já estivesse dormindo. (...) Maurício entrou cuidadosamente na barraca, certo de que Adriana já dormia.
“Por que você demorou tanto?” A voz de Adriana fez o corpo de Maurício tremer de susto.
“Você devia estar dormindo.”
“Estava esperando por você.” (...) “Você não vai tirar essa roupa?”
“Estou com frio.”
Adriana enfiou a mão por dentro da camisa de Maurício e acariciou o peito dele.
“Estou muito cansado”, ele disse. (Fonseca 2004: 641)

Mesmo a personagem Adriana construída ficcionalmente como portadora de atributos que fazem com que seja considerada uma mulher bela, atraente e desejável por Maurício, ele se esquia das investidas da esposa, desculpando-se com o cansaço. Além disso, o susto que leva quando descobre que Adriana estava acordada demonstra como Maurício se sentia tenso em “falhar”. Por esse motivo, o personagem prefere manter distância da esposa. Por outro lado, Adriana novamente tenta ter relações com Maurício, mas sem sucesso:

Naquela noite os sofrimentos de Maurício foram ainda maiores. Adriana chamou-o para dormir, mas ele, entregue à sua amargura, juntou-se ao grupo que conversava em volta das lanternas acesas (...). Maurício só entrou na barraca muito tarde da noite, quando o acampamento já estava em total silêncio. Novamente Adriana estava acordada esperando por ele. O calor do corpo da mulher que ele amava e os seus carinhos recatados não lhe despertaram o menor desejo. Enquanto Adriana o acariciava ele imaginou, inutilmente, as mais ardentes cenas lascivas com Ludmila, com Cora, com Janete, com as mulheres despudoradas que freqüentavam o seu apartamento no centro da cidade. (Fonseca 2004: 642-643)

Maurício é mais uma vez apresentado como um homem experiente, com um acúmulo de experiências sexuais significativas. Entretanto, a qualidade dessas relações é questionável. O personagem consegue obter facilmente uma ereção a partir de relacionamentos ocasionais e sem compromisso. Tais relações, por serem superficiais, não demandam um aprofundamento no campo da afetividade. Já no caso de Adriana, sua esposa, há uma imagem construída a partir de uma noção equivocada de “mulher respeitável” que o impede de desejá-la com intensidade. O modo como ele categorizava preconceituosamente as mulheres com que teve relações evidencia essa distinção em seu interior psicológico.

Desse modo, Maurício sente afeto por Adriana, mas abstrai a sexualidade da afetividade como se fossem elementos inconciliáveis ou incompatíveis. Sua incapacidade em relacionar essas duas esferas o conduz ao insucesso e à infelicidade conjugal. Na sequência da cena, Maurício acentua ainda mais sua frieza com Adriana:

Maurício afastou com rudeza o corpo de Adriana.

“Estou muito cansado.”

“Entendo.”

“Você não entende nada”, ele disse irritado. Adriana, que nunca fora tratada por ele daquela maneira, sentiu vontade de chorar (Fonseca 2004: 643).

A rudeza torna-se um instrumento de autodefesa para um sujeito que se sente coagido diante da possibilidade de comprovação da sua impotência. Além desse medo, um dos maiores tabus de Maurício é saber ou ouvir assuntos relacionados às necessidades fisiológicas: “ele detestava ouvir e jamais mencionava assuntos ligados à eliminação de resíduos orgânicos” (Fonseca 2004: 640). No dia após o desentendimento, o casal aparentemente não se comunica e mantém distância um do outro. Maurício não consegue entender as razões da sua impotência: “pensou no que estava fazendo naquele lugar, sofrendo por não conseguir fazer amor com a mulher que amava, uma mulher jovem e linda que desejava ansiosamente ser possuída por ele” (Fonseca 2004: 643).

De alguma maneira, os sofrimentos de Maurício estavam relacionados à imagem idealizada que Adriana produzia em sua mente. Essa ligação com o fato de não poder ouvir sobre assuntos que tratam das necessidades fisiológicas bloqueavam a atração que poderia sentir pela esposa:

Que inferno, nem mesmo conseguira defecar, com nojo da privada instalada no mato. (...) Maurício encontrou a caixa com a haste espetada no solo vazia. Alguém estava usando o sanitário. De onde estava não podia ver o local do vaso. Ficou em pé, ao lado da caixa, esperando. Então surgiu Adriana com o rolo de papel higiênico na mão. (...)

“Estou morrendo de vergonha. Não esperava que você fosse lá logo depois de mim, você estava almoçando, que chato.” Fez uma pausa. “Você não ficou chocado?”

“Fiquei. Mas agora, vendo você, não estou mais” (Fonseca 2004: 643-644).

O bloqueio de Maurício possivelmente estava concatenado ao modo como olhava e percebia Adriana, ou seja, de maneira não natural. Após tê-la encontrado utilizando o aparelho sanitário e ver os seus resíduos, o personagem passa a enxergá-la como uma mulher de fato, isto é, em toda a sua complexidade natural ou como qualquer outro ser humano. Assim, os tabus que assombravam Maurício são quebrados:

Naquela noite Maurício entrou na barraca antes de Adriana. Ela ficou do lado de fora, olhando as estrelas. Maurício enfiou a cabeça para fora e perguntou,

“você não vem deitar?”. Adriana entrou na barraca. Maurício tirou a roupa dela delicadamente, depois se desnudou também, feliz com sua virilidade latejante. Deitaram-se e ele beijou Adriana na boca, sorvendo a saliva dela, e pacientemente percorreu com a língua as mais recônditas partes do corpo da mulher que amava, pois sabia que tinha tempo e que o seu desejo por ela se tornara inexaurível. Depois possuiu-a em um ardor que nunca tivera, e esperou que os braços e as pernas da sua mulher se enlanguessessem no gozo para fruir aquela comunhão com um deleite que não imaginava pudesse existir. (Fonseca 2004: 644-645)

A maneira como Maurício olhava para Adriana, isto é, de forma distanciada da realidade, não proporcionava satisfação ao casal, ao contrário, apenas sofrimento e angústia. Maurício era assombrado pelos medos que colocam em xeque a sua percepção sobre sua própria masculinidade, não entendendo como poderia funcionar com mulheres que não amava, enquanto que com Adriana, a quem amava, a relação simplesmente não ocorria de maneira satisfatória. O conto termina com um final feliz, descrevendo como o casal aproveitou o resto da viagem de núpcias: “O rafting pelo Colorado continuou por mais alguns dias. Todas as noites, Adriana e Maurício eram os primeiros a se recolher ao recesso da barraca. (...) O rio estava lá, fluindo sem parar, e as estrelas brilhavam na abóbada celeste, mas Adriana e Maurício só queriam saber das novas alegrias que o amor lhes proporcionava” (Fonseca 2004: 645).

O amor, diante desse panorama do conto, é representado de uma maneira positiva, pois evidencia uma superação dos bloqueios psicológicos do casal, principalmente de Maurício, para depois demonstrar como eles estavam concatenados à projeção de um amor não natural que impedia uma relação sadia. A maneira como Maurício se cobrava, por outro lado, é um sinal significativo do afeto que sentia por Adriana e também por não conseguir satisfazer sua parceira. Isso demonstra uma mudança positiva nos padrões sexuais masculinos, pois a insegurança, a rudeza e a rapidez com que realizava o ato sexual deixam lugar para o carinho, o afeto, o amor e a atração que Maurício passa a sentir pela esposa.

As fezes de Adriana, portanto, marcam uma virada no conto, pois tal elemento, simultaneamente degradante e humano, integra-se ao amor e à sexualidade, proporcionando uma modificação do perfil masculino de Maurício. Ao vislumbrar os excrementos da moça, Maurício não sentiu nojo, embora tenha ficado chocado. Isso possibilitou ao personagem modificar seu modo de se comportar que era excessivamente respeitoso em relação à Adriana. Ao perceber que sua esposa era tão “mulher” quanto qualquer outra, Maurício vence seus tabus e passa a ter uma relação sadia com Adriana.

Neste ponto vale mencionar a aula do dia 27 de abril de 1977, de Roland Barthes (2013). Nessa aula, o autor questiona sobre o significado de “viver juntos”. Com efeito, o banheiro é uma forma de isolar e interditar o acesso ao excremento alheio. A convivência oportuniza esse contato íntimo entre casais. A partir da visualização dos excrementos de Adriana, Maurício torna-se capaz de compreender que a sujeira de ambos os coloca no mesmo patamar, não fazendo sentido olhar para a esposa da

mesma forma que anteriormente. Esse detalhe possibilitou a Maurício a superação das suas dificuldades sexuais diante da sua esposa, assim como eliminar a excessiva autocoerção, considerando que o personagem era sexualmente experiente.

O conto reflete uma questão relevante ao sujeito contemporâneo naquilo que Bauman, em sua obra *Amor líquido*, classifica como acúmulo de experiências. Para Bauman, o amor não é uma atitude prática, ou seja, não se pode mensurar o amor, como uma experiência ou aprendizado de laboratório: “não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória – inexistente, embora ardentemente desejada – de evitar suas garras e ficar fora do seu caminho” (Bauman 2004: 17). Nesse sentido, não é possível conhecer o amor, por exemplo, por meio de um manual prático de como se deve proceder ou agir. Essa noção de “aprender” o tempo todo, ou seja, de que é preciso se atualizar constantemente num mundo em que as informações mudam constantemente são comuns na atualidade. O amor visto sob esse prisma corre o risco de se reduzir ao descarte tal como um produto.

O sujeito contemporâneo, representado no personagem de Maurício, na maioria dos casos, é levado a crer, muito por conta dessa noção de experiência, na previsibilidade dos acontecimentos em razão de determinados planejamentos. Ironicamente e ao contrário disso, o amor é imprevisível e, portanto, não há regras. Suas experiências acumulativas não evitaram que Maurício passasse pelo constrangimento de falhar durante suas relações com Adriana. Essa ilusão de sabedoria, ilusão de aprendizado ou ilusão de experiência acumulativa levam o sujeito a acreditar que a experiência do amor possa ser adquirida ou que o amor possa ser manipulado como objeto de laboratório. Bauman entende que essa tentativa de tornar o amor algo previsível está na raiz da questão:

Evidentemente, todos nós tendemos a nos esforçar muito para extrair alguma experiência desse fato; tentamos estabelecer seus antecedentes, apresentar o princípio infalível de um *post hoc* como se fosse um *propter hoc*, construir uma linhagem que “faça sentido” – e na maioria das vezes obtemos sucesso. Precisamos desse sucesso pelo conforto espiritual que ele nos traz: faz ressurgir, ainda que de forma circular, a fé na regularidade do mundo e na previsibilidade dos eventos, indispensável para nossa saúde mental. (Bauman 2004: 18)

Costuma-se sustentar a ideia de que uma carga de experiências quantitativas seja equivalente a conhecimentos adquiridos. Dentro de uma sociedade em que a quantidade é com frequência mais importante que a qualidade, a atitude de amar passa a ser entendida como múltiplas experiências. Maurício demonstra isso em seus relacionamentos fortuitos. Por esse motivo, apaixonar-se e desapaixonar-se são costumes corriqueiros e recorrentes.

Bauman entende que essa nova configuração do amor é sintomática e reveladora de uma incapacidade ou impotência do sujeito contemporâneo em amar num sentido mais profundo e significativo. Para ele, amores rápidos, fugazes, de curta duração

nada mais são que resultado de uma impotência amorosa. O amor entendido como um evento controlável ou programável tende a ser um acontecimento previsível e repetitivo, passível de experimentações: “É tentador afirmar que o efeito dessa aparente ‘aquisição de habilidades’ tende a ser (...) o *desaprendizado* do amor – uma ‘exercitada incapacidade’ para amar” (Bauman 2004: 20).

Portanto, Bauman depreende que esse amor, entendido como o resultado de experiências práticas de curta duração, apresenta em sua raiz uma impotência. Uma impotência que explica, em algum grau, os revezes sexuais sofridos pelo personagem de Maurício. A natureza do amor não é a mesma de uma racionalização produtiva. Não se configura o amor como um produto em série que se compra e se consome em instantes. Essa incapacidade para amar são resultados do amor praticado no atual contexto social e que a literatura muito bem retrata.

OBRAS CITADAS

BARASCH, Mara. Sexo e afeto no cotidiano dos homens. Dario Caldas, org. *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

BARTHES, Roland. Aula do dia 27 de abril de 1977. *Como viver junto: simulações romancescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France (1976-1977)*. Trad. Leyla Peronne-Moisés. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013. 237-253.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FONSECA, Rubem. *64 contos de Rubem Fonseca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. *O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia*. Mirian Goldenberg, org. *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.